

# *Genjo koan* (Manifestação total da verdade estabelecida)

Rev. Kodo Takeuchi  
Centro de Estudos Soto Zen  
Chefe do Corpo de Pesquisa

*Genjo koan* é o título do primeiro da versão em 75 fascículos de *Shobogenzo*, que acredita-se ter sido compilado pelo próprio *Dogen Zenji*. Este termo é também frequentemente encontrado em outros escritos de Dogen. É importante compreender este termo para os que pretendem ter acesso neste ensinamento.

A primeira palavra, *genjo* (現成), significa “manifestação real e total, sem nada ocultar”. *Koan* (公案) significava originalmente “um documento oficial ou decreto”, mas foi utilizado mais tarde para exprimir a “verdade estabelecida”. Na tradição Zen da Dinastia Sung, *genjo koan* significava, em muitos casos, que tudo o que nos aparece perante nós é, tal como é, a verdade absoluta.

Mas, à medida que *koan* Zen ou *kanna* Zen (Zen de encarar a questão) tornava-se popular, a palavra *koan* começou a significar “um diálogo Zen selecionado e apresentado para o estudo dedicado de um praticante”. Neste caso, *Koan* significava um antigo caso ou história invariável. *Koan* adquiriu um sentido muito estático. Dogen Zenji pretendeu voltar ao original e mais leve do sentido de *koan*. Foi por este motivo que escreveu o *Shobogenzo Genjo koan*.

Dogen Zenji liga *genjo koan* e *zazen* em *Fukanzazengi*:

O *zazen* de que eu falo não é aprendizagem da meditação. É simplesmente a porta do Dharma do repouso e da felicidade. É a realização prática do despertar totalmente realizado. É como as coisas são nesse caso (*koan genjo*). Armadilhas ou ciladas nunca o podem alcançar.

Aqui, Dogen Zenji diz claramente que *koan*, ou a realidade tal como se nos apresenta perante nós, é *bodhi* ou o próprio despertar. Isto é totalmente manifestado em sentar-se em *zazen*, na unidade de prática e realização.

Keizan Zenji também escreve sobre isto. Ele cita o *Shobogenzo Zazenshin* de Dogen Zenji em suas “Palavras para o Mestre Myojo” em *The Dharma Words of Master Keizan, the Founder of Mount Tohoku (As Palavras do Dharma do Mestre Keizan, o Fundador do Monte Tohoku)*.

O bisavô em Dharma, o fundador Eihei (Dogen Zenji), disse “Manifestar-se sem pensar. Completa-se sem transposição.” Isto significa que o original se manifesta quando não há pensamento e a fonte da mente fica completa quando não há transposição. O que é isso de estar no estado de totalmente manifestado e completo? Não entende? ... O bisavô em Dharma também disse que “Não há fogo na lareira fria. Fico sozinho no átrio vazio. Não há luz na noite fria. Sento-me calmamente sob a janela luminosa.” Mesmo sem saber uma única coisa ou sequer de ter uma mínima ideia, é possível ser uma pessoa calma que foi além dos estudos e que não se aplica em nada. Sentar-se sem saber uma única coisa ou sequer de ter uma mínima ideia, é ser esse tipo de pessoa.

Assim, *genjo koan* significa, em primeiro lugar, o mundo da verdade que realmente se manifesta em *zazen*. Em *Shobogenzo Genjo koan*, Dogen Zenji esgota as palavras para examinar a atitude do praticante que empenhadamente estuda *genjo koan*, o aparecimento de vários dharmas que se manifestam como *koan* e como conhecemos esses aparecimentos.

*Genjo koan* está ligado ao estudo do Caminho de Buddha. Acerca disto, Dogen Zenji escreveu:

Estudar o Caminho de Buda é estudar a si. Estudar a si é esquecer-se de si. Esquecer-se de si é ser submetido à prova por todas os dharmas. Ser submetido à prova por todos os dharmas é deixar esgotar o corpo-mente de si e dos outros.

O Caminho de Buda é o processo de interrogação profunda em si próprio. Começa em esquecer-se do próprio e perceber, em seguida, que tudo é englobado pelo dharma. O próprio e tudo o resto além do próprio acabam por abandonar o mundo de ideias e conceitos adjacentes e fundem-se totalmente ao dharma. Nesse ponto, “esgotar o corpo-mente” são palavras que utilizamos para expressar a realidade do dharma em si próprio.

Dogen Zenji escreve em *Shobogenzo Genjo koan* que quando uma pessoa se torna ela própria o dharma, essa pessoa simplesmente passa a atuar como um Buda, sem ter consciência de que ele/ela é um Buda.

Quando os Budas são verdadeiros Budas, não é necessário que percebam que são Budas. Ainda que sejam percebidos que são Budas totalmente confirmados, continuam percebendo o estado de Buda.

Mas não é isso que faz a pessoa nada sentir nesse momento, como realça Dogen Zenji no *Shobogenzo Genjo koan*.

Enquanto não perceber totalmente o dharma no corpo-mente, pensa que é suficiente. Quando o dharma preencher totalmente o corpo-mente, sente alguma falta.

Quanto mais o dharma preencher o corpo-mente, mais sentimos alguma falta, porque, tal como o próprio dharma, fundimo-nos com o dharma e percebemos o dharma. Por este motivo, o dharma nunca surge como uma entidade objetiva por oposição ao próprio.

... a razão para não podermos conhecer os seus limites reconhecíveis é simplesmente por o nosso conhecimento em partilha e prática em conjunto com a penetração total do Dharma de Buda...

No entanto, como escreve o Dogen Zenji, uma pessoa percebe vários dharmas através dos sentidos:

É como embarcar num barco e navegar para um mar amplo e ilimitado. Não se vê nada em

redor além de uma extensa linha de mar. No entanto, o grande oceano não é circular. Não é quadrado. Tem outras inesgotáveis virtudes.

Ele utiliza o aspeto do mar, quando nele navegamos, como uma metáfora. O mundo refletido pelos sentidos é a única coisa que os olhos do praticante podem perceber nesse momento.

Então, que atitude deve ter o praticante que estuda a realidade do *genjo koan*? Em *Shobogenzo Genjo koan*, podemos ler:

Os peixes nadam na água e, por muito que nadem, não há fim para a água. Os pássaros voam nos céus e, por muito que voem, não há fim para os céus. Enquanto os peixes nunca saem da água, os pássaros nunca prescindem do céu. Quando a sua necessidade é grande, há uma grande atividade. Quando a sua necessidade é pequena, há uma pequena atividade. Desta forma, nenhum falha no esforço para tudo alcançar e qualquer falha está longe de impedir o movimento e a liberdade. Se um pássaro abandonar o céu, em breve morrerá. Se um peixe sair da água, morre imediatamente.

Esta metáfora colocá aos praticantes uma pergunta séria: “O que é que é inseparável da vida de um praticante Zen, tal como a água e o céu são inseparáveis da vida de um peixe e de um pássaro?”

Ainda que um pássaro ou um peixe desejem prosseguir depois de alcançarem o fim do céu ou da água, podem não conseguir encontrar qualquer caminho ou qualquer local em nenhum dos elementos. Quando esse local é alcançado, todas as atividades diárias de cada um manifestam imediatamente a realidade (*genjo koan*). Quando esse caminho é realizado, todas as atividades diárias de cada um manifestam imediatamente a realidade (*Shobogenzo Genjo koan*)

Tal como um pássaro ou um peixe, o praticante deve alcançar “o local” e “o caminho” a partir do qual são inseparáveis e envolver-se empenhadamente nas atividades diárias de um praticante Zen, em vez de atuar apenas depois de interpretar e entender totalmente o mundo onde vive. É assim que o *genjo koan* é entendido. Estudar a realidade do *genjo koan* não é antecipar e procurar conhecer como o mundo do *genjo koan* pode ser entendido, mas entender o mundo como *genjo koan*, através das atividades diárias de um praticante Zen.

Qual é “o local” para um praticante Zen? Qual é “o caminho” para um praticante Zen? Segundo Dogen Zenji, o próprio e todas as coisas que existem aqui e agora são inseparáveis do próprio tempo e devemos considerar tudo em termos de tempo. Ele chama-lhe *uji*, “ser-tempo”.

O caminho que o próprio estabelece é a forma de todo o mundo. Veja cada coisa de todo este mundo como um momento de tempo. As coisas não se impedem umas às outras, tal como os momentos não se impedem uns aos outros. A idéia da procura do caminho emerge nesse momento. O momento da procura do caminho emerge nessa idéia. Acontece o mesmo com a prática e o alcançar do caminho. Assim, a disposição do estabelecimento próprio vê-se em si próprio. Esta é a compreensão de que o próprio é o tempo (*Shobogenzo Uji*).

“O local”, para um praticante Zen, é o “agora do ser-tempo”, que aparece e desaparece continuamente. “O caminho”, para um praticante Zen, é despertar uma idéia de procura do caminho, praticando o caminho e alcançando nirvana, que é praticado como ser-tempo. Todo o mundo não é mais do que a forma como o próprio, como ser-tempo, se dispõe continuamente a si próprio.

Entidades de toda a forma e todo o tipo de ser-tempo no reino da escuridão e da luz são a manifestação imediata do meu esforço total, todo o meu esforço para realizar uma passagem. Deve aprender-se na prática que não fazendo o esforço próprio de cada um agora, por si próprio, não é um dharma único ou coisa que pode manifestar imediatamente a si próprio ou realizar uma passagem (Shobogenzo Uji)

O próprio é um tipo de ser-tempo. Um dharma único manifesta-se totalmente a si próprio através da prática empenhada, tal como as atividades diárias de um praticante Zen como um evento uma ação que aparece aqui e agora. Assim, a realização da prática do Caminho de Buda torna-se um fluxo ininterrupto da manifestação total da verdade estabelecida.

“Todos devem envolver-se empenhadamente neste genjo koan. O que é este genjo koan? É apenas todos os Budas nas dez direções e todos os antepassados, antigos e atuais, e que está se manifestando agora. Todos o veem? É apenas o nosso recolher e baixar do pano na entrada para o átrio da prática neste momento. É o subir e descer da plataforma para sentar. Porque não compreendem todos e praticam este excelente genjo koan? Hoje, este monge de montanha (Dogen), sem ressentimentos da minha vida ou das minhas sobranceiras, para o bem-estar de todos vós, interpreta isto repetidamente.” Dogen Zenji bateu no chão juntamente com a sua equipe e desceu imediatamente da sua cadeira (Eihei Koroku 60)

Nesta *jodo* (conversa informal), sem rodeios, Dogen Zenji mostra aos seus discípulos que o *genjo koan* não é mais do que as atividades monásticas diárias.

Originalmente escrito em Japonês pelo Rev. Kodo Takeuchi

Traduzido para Inglês pelo Rev. Issho Fujita

Assistido pelo Rev. Tonen O'Connor e pelo Rev. Zuiko Redding